

Discurso da Presidente de Honra

Senhora Presidente da 24^a.Reunião de Pesquisa Aplicada em Doença de Chagas e 12^a. Reunião de Pesquisa Aplicada em Leishmanioses

Dra Ana Rabello

Caros colegas e amigos,

Estar aqui com todos vocês neste momento é uma grande satisfação para mim. Receber esta significativa homenagem, ao ser escolhida como “Presidente de Honra” desta Reunião, ultrapassa quaisquer expectativas que eu pudesse ter um dia, de ocupar posição de tal destaque junto ao caros colegas e amigos, aos quais muito agradeço pela minha indicação.

Vejo nesta homenagem, algo simbólico: como se as mulheres, brilhantemente representadas pela caríssima amiga Ana Rabello e as colegas que mais de perto a assessoram: Zélia Profeta da Luz e Liléia Diotaiuti, quisessem, subconscientemente, consolidar a presença feminina nesta Reunião de Uberaba em 2008, permitindo que eu participe deste seletto grupo. Sinto-me honrada com esta escolha e feliz por ver que, de algum modo pude contribuir para que a participação feminina se consolidasse cada vez mais, de ano para ano, na Pesquisa em nosso país.

A Reunião de Pesquisa Aplicada em Doença de Chagas e Leishmanioses representa, ao meu ver, o ponto de fusão das idéias, preocupações, anseios de todos aqueles que trabalham nestes dois imensos desafios da Saúde no Brasil.

Aqui, sinto que alguns dos problemas envolvidos, quando miniaturizados nos meus camundongos, podem trazer alguma parcela de conhecimento, para a melhor compreensão do parasito, da sua relação com o hospedeiro, da resposta deste à agressão, temas diria eu, objeto da patologia como ela hoje se apresenta, multidisciplinar, ampla, com direito a fazer correlações e a dialogar com os verdadeiros clínicos, preocupados com os doentes e com a doença, sempre procurando aplicar os novos conhecimentos científicos que lhes são apresentados.

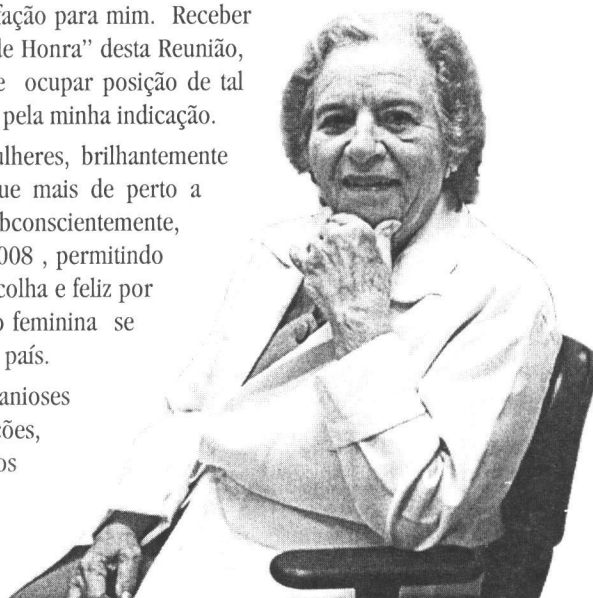
Existe um verdadeiro **espírito científico – humanitário**, que vejo aflorar em todos aqueles que constituem o **Núcleo mantenedor dos ideais da Reunião de Uberaba**, núcleo este liderado pelo **Professor Aluizio Prata, seu fundador**. Este espírito perpassa todas as etapas do conhecimento, necessárias para criar resultados palpáveis no combate, controle e tratamento das doenças, sem descuidar de nenhuma das vias que possam conduzir a resultados promissores para o nosso povo.

Acho que, é justamente este espírito que mais me atrai nas reuniões de pesquisa aplicada de Uberaba.

Muito obrigada

Sonia G. Andrade

3/10/2008



Presidente de Honra Dra. Sonia Andrade

Antonio Brotas,
ASCOM/Fiocruz-BA



Doutora Sonia Gumes Andrade – “Nunca cogitei em não fazer pesquisa!”

Pesquisadora das mais importantes do Brasil, com 118 artigos publicados em importantes revistas nacionais e internacionais, doutora Sonia Gumes Andrade, apesar da extraordinária contribuição à pesquisa em doença de Chagas, prefere falar da sua vida enquanto cientista de forma serena, ressaltando valores pessoais e comportamentos que em sua avaliação devem balizar a pesquisa e conduzir os experimentos, como a honestidade e a inteligência. Tranqüilidade e paciência em busca do conhecimento e do reconhecimento se associam ao trabalho persistente, criterioso e rigoroso da pesquisa. Não é sem propósito, que gerações de pesquisadores, formados pela doutora Sonia, forma como é conhecida entre os pares, a tem como referência de êxito científico.

A produção acadêmica e a presença em importantes instituições do campo científico ratificam o reconhecimento da pesquisadora, que também tem em seu currículo nove capítulos de livros publicados e mais de 30 trabalhos publicados em anais de congressos. Atual chefe do Laboratório de Chagas Experimental, Autoimunidade e Imunologia Celular (Lacei) da Fundação Oswaldo Cruz na Bahia, doutora Sonia fez pós-doutorado no Institute Pasteur de Lyon na França (1986-1987), acumulando experiência internacional através da passagem em universidades como a Case Western Reserve University e Cornell University Medical College. Integrante do grupo de pesquisadores I-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), até 2004, do qual foi membro do Comitê Assessor (1986-1987), a pesquisadora, que é membro da Academia de Medicina da Bahia, e de várias sociedades como a de Medicina Tropical, de Patologia e de Parasitologia, teve participação atuante como membro do Comitê Científico da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre 1984 e 1986.

Com interesse focado nas doenças consideradas negligenciadas, doutora Sonia iniciou suas atividades de pesquisa, ainda como

estudante de Medicina, na Fundação Gonçalo Moniz (da Secretaria de Saúde do Estado) e no Hospital Professor Edgard Santos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde integrava a equipe do doutor Zilton Andrade. Dedicava-se ao estudo da patogenia da doença de Chagas, esquistossomose, leishmaniose, a partir do contacto com os pacientes e no estudo anátomo-patológico em fase avançada da patologia destas doenças. Nesta época, em 1955, foi publicado o seu primeiro trabalho em colaboração com Zilton Andrade sobre a Patologia da Doença de Chagas, no Boletim da Fundação Gonçalo Moniz, o primeiro de vários trabalhos na literatura dos autores Andrade & Andrade. A oportunidade de se dedicar à pesquisa experimental surgiu quando em 1965 foi integrada como Patologista ao Laboratório de Patologia da Fundação Gonçalo Moniz, que daria origem ao Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz da FIOCRUZ, e se consolidou a esperança da constituição de uma carreira científica nos estudos experimentais em doença de Chagas, publicando os primeiros trabalhos no ano de 1966.

Mas a tese *Caracterização de cepas do Trypanosoma cruzi isoladas no Recôncavo Bahiano*, publicada em 1974, é considerada um marco importante em sua carreira em função da contribuição que traz até hoje ao estudo da doença de Chagas. Ela recorda que já eram conhecidas as diferenças entre as cepas, sua virulência e tipos de lesões. “E me perguntei se tinha fundamento genético ou era algo ocasional? E qual método adequado para caracterizar a divisão em grupos?”, questionou-se. A resposta a esta questão influenciou inúmeros estudos e freqüenta até as mais recentes publicações na área. “Na taxonomia proposta, em 1999, foi incluída na classificação em grupos biológicos ou biodema. Isso é importante, permanece válida”, orgulha-se.

Com um futuro promissor enquanto pesquisadora, doutora Sonia não hesitou em paralisar suas atividades por algum tempo para cuidar dos seus seis filhos, fruto do casamento com doutor Zilton Andrade. Decisão da qual não se arrepende. Soube recomeçar, reconquistar espaço e conciliar o trabalho com a

família. “Deu tempo para tudo!”, diz serenamente. Com a vida praticamente em simbiose com a ciência, o ensino também conquistou uma parte importante da sua história. De estudantes de graduação a doutorandos, foram mais de 44 orientações registradas em seu currículo. Entretanto, além desta contribuição, doutora Sonia, atualmente professora aposentada da UFBA, foi extremamente importante na implantação e consolidação da pós-graduação na área, inclusive participando ativamente como consultora da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Por 20 anos esteve à frente da coordenação do curso de Pós-graduação em Patologia Humana, tornando-o um dos mais importantes do país. Assumiu em 1975 e até 1995, se dedicava de tal forma que motivava os docentes e discentes em busca da excelência acadêmica.

Defensora do aprendizado integral, doutora Sonia orienta, no (LACEI), na Fiocruz-BA, vários estudantes, que em sua avaliação, precisam pensar ativamente sua pesquisa, entender efetivamente seu problema e conseguir, ao término do processo, uma compreensão ampla do conhecimento. “O que sei, eu ensino”, garante a pesquisadora que confia no quesito vocação para o sucesso profissional. “Aqueles que descobrem coisas importantes pensam em coisas importantes e pensam de uma maneira factível”, sentencia.

A formação médica com base hospitalar e clínica, voltada para patologia tropical, ajudou a desenvolver uma percepção do estudo, que sempre está relacionada à visão da doença no homem, bem como o seu processo evolutivo. A pesquisadora diz que são subjacentes aos seus estudos, perguntas sobre a melhora

dos pacientes e as formas de regressão da sua patologia. Por isso, a decisão em continuar trabalhando na pesquisa aplicada, sem desconsiderar as contribuições da pesquisa básica, diferença, que em sua avaliação, não tem muito sentido prático.

Atualmente desenvolve pesquisas nas seguintes linhas: Fibrogênese e possibilidade de regressão da fibrose na infecção crônica pelo *Trypanosoma cruzi* em diferentes modelos experimentais; Influência das reinfecções na patologia da Doença de Chagas; Caracterização clonal de cepas protótipos dos Biodemas Tipos I, II e III: cepas Peruana e Y; 21 SF e Colombiana e suscetibilidade aos quimioterápicos; Influência das reinfecções na evolução da miocardiopatia e na patogenia das lesões tissulares determinadas no camundongo pela inoculação com diferentes cepas do *Trypanosoma cruzi*; Caracterização de cepas do *Trypanosoma cruzi* isoladas em diferentes áreas endêmicas da doença de Chagas.

Para doutora Sonia, o principal desafio para a comunidade científica que trabalha com Chagas, é a pesquisa terapêutica, visto que há mais de 30 anos, são utilizadas as mesmas drogas. “As diferenças entre as cepas justificam porque há resistência e porque alguns pacientes curam e outros não. Agora temos que descobrir medicamentos contra as cepas que são resistentes aos ainda em uso desde a década de 1970”, aponta. Ao passo que o controle da transmissão pelo vetor, é considerado como a maior vitória até agora, o que não significa que deve haver descuido em relação ao controle, visto que o desmatamento trouxe novos desafios ao retirarem as fontes naturais de alimentação dos barbeiros.